

EXÍLIO E LIBERDADE NA POESIA DE MANUEL ALEGRE EXILE AND FREEDOM IN THE POETRY OF MANUEL ALEGRE

ELSA RITA DOS SANTOS
Università degli Studi di Trento, Italia
elsa.ritadossantos@unitn.it
<https://orcid.org/0000-0002-3280-894X>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/06/2019
Texto aprovado em / Text approved on: 21/01/2020

Resumo:

O exílio, afastamento forçado da própria pátria (desterro), tem sido sentido e vivido de modo diferente ao longo dos tempos. No século XIX, os românticos enriqueceram semanticamente a palavra 'exílio', ligada a perseguições políticas das quais tantos deles foram alvo, com a noção de um exílio existencial representativo da experiência de se sentirem estrangeiros em todo o lado, inclusive na sua própria terra. Todavia existe um exílio que precede estes dois, essencial à condição humana e de matriz judaico-cristã, e que remonta à expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Estas três tipologias de exílio, expostas por Claudio Guillén em *O Sol dos Desterrados* (1995), servir-nos-ão de guia na análise que nos propomos realizar na poesia de Manuel Alegre, exilado em Paris e Argel entre 1964 e 1974. Trata-se de uma poética em que o tema do exílio é permanente e vai no rastro de uma liberdade individual, coletiva e criativa.

Palavras-chave

Exílio; Manuel Alegre; poesia; liberdade; errância.

Abstract:

Exile, banishment from one's homeland, has been perceived and experienced differently throughout time. In the nineteenth-century, Romanticists added to the traditional semantics of the word 'exile', denoting the political persecution of which so many have suffered, the notion of existential exile, referring to the experience of being an outsider everywhere, including in one's own country. There is yet a further notion of exile which precedes the former two and is inherent to the human condition within the Jewish-Christian tradition, dating back to the expulsion of Adam and Eve from the Garden of Eden. These three types of 'exile', thoroughly discussed by Claudio Guillén in *O Sol dos Desterrados* (1995), will guide us in our analysis of the poems of Manuel Alegre, exiled in Paris and Algiers between 1964 and 1974. Poetry in which the theme of exile is often present and follows the path of individual, collective, and creative freedom.

Keywords

Exile; Manuel Alegre; poetry; freedom; wandering.

«Não teria escrito o que escrevi, se não tivesse vivido o que vivi.»

Manuel Alegre

Em literatura, o exílio é um tema recorrente pela diversidade e riqueza de significados que a palavra assume, sobretudo em âmbito poético. A obra de Manuel Alegre não é exceção; todavia, nesta, como nas grandes poéticas, o exílio molda-se a uma forma e a uma semântica próprias e singulares que percorrem e multiplicam as suas vastas expressões. Nesse sentido, o comparatista espanhol Claudio Guillén (Guillén 2005: 139-142) distingue três tipologias de exílio: o exílio enquanto condição original da humanidade, ligado à expulsão do Paraíso, o exílio histórico e real, por razões políticas ou económicas, e, por fim, o sentimento de exílio físico e espiritual em relação à própria vida. Denominaremos estas três tipologias por essencial, circunstancial e existencial⁽¹⁾, respetivamente, sendo que cada uma corresponde a uma determinada relação do sujeito poético com o tempo. Assim, a primeira une um passado remoto, originário e perdido a um futuro sob o signo da redenção ou, numa perspetiva

(1) Claudio Guillén denomina estes três exílios por 'primeiro exílio' ou 'exílio original e colectivo', 'exílio do exílio' ou 'histórico e real' e 'terceiro exílio', respetivamente. (Guillén 2005: 139-142).

meramente laica, da espera e da esperança; a segunda caracteriza-se por um profundo sentimento de destempo por parte do exilado, que, incómodo no presente, tende a abandonar-se às recordações de tempos passados; já a última advém de um desassossego íntimo do sujeito poético relativo também ao presente, mas que não encontra serenidade nem na memória nem no projetar-se sobre o futuro. Este último exílio corresponde à errância existencial, à demanda dos poetas; move-se, por isso, num espaço espiritual ou intelectual e não no espaço físico do desterro ou no espaço redentor ou utópico do exílio essencial.

Vamos de seguida efetuar uma análise das três tipologias de exílio, bem como da relação do sujeito poético com o tempo, nas obras poéticas de Manuel Alegre, em particular naquelas publicadas⁽²⁾ ou escritas nos anos de exílio – *Praça da Canção* (1964/65⁽³⁾), *O Canto e as Armas* (1967), *Um Barco para Ítaca* (1971) e *Letras* (1974) – e em *Atlântico* (1981).

Manuel Alegre, para evitar uma segunda detenção pela PIDE, deixa Portugal em junho de 1964 e regressa quase dez anos depois, quando a Revolução de Abril o permite, precisamente a 2 de maio de 1974. É o exílio circunstancial da distância geográfica, imposto pelo momento histórico. Vive em Paris e depois em Argel (desde outubro de 1964 até poder retornar ao seu país), onde trabalha como locutor na rádio “Voz da Liberdade”, que emite desde a capital argelina, e onde, como poeta e membro da Frente Patriótica de Libertação Nacional, continua a sua militância política pela democracia em Portugal.

A obra *Praça da Canção* é composta antes de Manuel Alegre dar ‘o salto’ para Espanha e passar para França. No entanto, o iminente desterro já ensombra o futuro nos versos anteriores à partida, única solução possível para a perseguição policial que vai apertando o cerco. A perda do solo pátrio, do qual muito relutantemente se separará, ainda não é real, mas prefigura-se como experiência dolorosa; por isso, o poeta numa atitude determinada, desafiante e destemida finca bem os pés na sua terra e afirma em “Canção Segunda”: «Canto de pé no meio do país amado» (Alegre 1995: 46). Como indicado também no título do livro,

(2) Excluímos desta análise algumas poesias escritas durante o exílio, mas só editadas mais tarde, em *Coisa Amar (Coisas do Mar)*, de 1976, ou “País em inho” incluída em *Atlântico* (1981). (Vilhena 2005: 60 e 49).

(3) «Apesar da data da capa ser 1965, a sua impressão foi feita ainda em 1964, para permitir uma distribuição que escapasse à vigilância da polícia política» (*Idem*: 97).

reivindica-se aqui uma poesia centrada na praça, espaço público de encontro e de confronto, em que o poema é o lugar eleito para questionar indivíduo, tradição, memória, história, presente, futuro, identidade de um país e de um povo (no qual o sujeito poético se insere com o uso frequente da primeira pessoa plural), como em “Canção Primeira”:

Sobre as colinas desta terra voltada para o mar
plantai o meu poema.

Ali quero ficar
completamente nu e desfolhado
por todas as cidades destruídas
e por todos os povos arrasados
pelo passado pelo presente pelo futuro
ali quero cantar aos que passarem
uma canção que fale de quem somos:
das nossas casas e dos nossos violinos.
Do nosso pão e nossas rosas.
Da nossa vida e morte. Uma canção onde cantemos
transitórios eternos morrendo passando
ficando ainda
nos demorados violinos da canção tão breve. (*Idem*: 45)

A identificação da voz do sujeito poético com a do povo do seu país vai ao encontro de quanto afirmado pelo crítico brasileiro Mário César Lugarinho:

(...) cantar este Povo, cantar para este Povo, cantar por este Povo, é indubitavelmente o projecto poético inicial de Manuel Alegre que emerge como uma voz dissonante do panorama poético que se desenvolvia em Portugal (...) (Lugarinho 2005: 76).

Nostalgia

Antes de partir para França e a Argélia, Manuel Alegre vive, digamos, um primeiro corte com a sua terra quando combate na guerra colonial, em Angola, e, sobretudo, quando fica detido na prisão, na cidade de Luanda. Em “Rosas Vermelhas”, testemunho anteposto a *Praça da Canção*,

o poeta relata esse distanciamento espacial de que resultou uma primeira e sentida fratura temporal:

Em Maio de 1963 eu estava na cadeia. Dormia – como direi? – acordado sobre cada minuto. Tinha aprendido o irremediável. Alguma coisa, dentro de mim, se despedaçara para sempre (para sempre? Que quer dizer para sempre?). Era inútil chamar. Tinha aprendido, fisicamente, a solidão (Alegre 1995: 33).

Podemos remeter o ‘irremediável’ de Manuel Alegre para o ‘irreversível’ kantiano (Kant 2018: 54) ligado à nostalgia ou à dor do regresso. De retorno ao espaço objeto da sua saudade, o sujeito encontra-o transformado, bem como as pessoas que nele deixou, e apercebe-se de que ele próprio já não é o da vivência de outros tempos. Confrontado com a mudança, o indivíduo persuade-se da impossibilidade de suspender o tempo, pois, indiferente aos homens, este continua o seu inevitável percurso; desta forma, apreende que o período feliz e despreocupado, por cuja ausência sofre, ficou no passado e, exatamente pela sua posição temporal, é irrecuperável, irremediável, irreversível. Segundo Immanuel Kant é esta percepção da perda que cura a nostalgia; inclinamo-nos, no entanto, para a interpretação de Vladimir Jankélévitch quando afirma, na direção inversa de Kant, que «la nostalgia è una reazione all’irreversibile» (Jankélévitch 2018: 144). A mesma opinião exprime Antonio Prete quando precisa «il *nostos*, il ritorno, che nell’esperienza della *nostalgia* è un ritorno negato, e per questo doloroso, fonte cioè di *algos*» (Prete 2018: 166).

A perda e o ledo viver são o tema do poema “Romance do tempo inocente”: «Era um tempo de fruta e violinos / o sol nascia exactamente no meu quarto / havia uma árvore onde o mundo começava / – a velha árvore do largo dos ciganos» (Alegre 1995: 70).

Uma época serena, cadenciada pelos ritmos naturais da vida, em que o indivíduo se sente centro e fonte do mundo; uma vivência imperturbável ao tiquetaque do tempo porque o peso deste – e da dura realidade – ainda não se fez sentir; um tempo, enfim, em que se vive «a idade de não ter idade» (*Idem*: 71). «Mas tudo é contado a partir do presente, quando a consciência deceptiva do tempo e a vivência de um doloroso real já se interpôs como filtro modulador» (Morão 2009: 881). A vitalidade, a lucidez e o empenho político de Manuel Alegre impedem-no de se abandonar à nostalgia do próprio ‘tempo inocente’, pois entre o ontem e o hoje adveio uma aprendizagem da *polis*: a da existência da

fome, da pobreza, das desigualdades sociais, da guerra, da censura e da repressão policial. Aprendizagem que, necessariamente, condiciona o ato de lembrar esse inocente viver de outrora e que, pela poesia, se transfigura enlaçando a inocência de uns e a tristeza dos outros: «Nada sabíamos dos homens que viviam / do trabalho dos homens que não tinham casa. / Acreditávamos que não ter casa era ser livre. / Era um tempo de grandes gestos belos e gratuitos» (*Idem*: 71).

Tristeza

Na despedida, o olhar do poeta turva-se na contemplação de um país paralisado pela tristeza⁽⁴⁾. A esta é dedicada a sétima e última parte de *Praça da Canção* com o título “Canto da nossa Tristeza”. Na ‘tristeza’ – idiossincriticamente «tão portuguesa» (*Idem*: 127) – o poeta incorpora o cansaço, a submissão, o abatimento moral e a vileza que observa nos homens do seu país: «Esta tristeza que nos prende em sua teia / esta tristeza aranha esta negra tristeza / que não nos mata nem incendeia // antes em nós semeia esta vileza / e envenena ao nascer qualquer ideia. / É preciso matar esta tristeza» (*Ibidem*).

Esta última asserção é uma reação à tristeza-passividade do povo português diante da tristeza-miséria que perdura no país. Tristeza-resignação em contraste com a tristeza-vital do sujeito poético, a qual é o impulso do cantar do poeta em “Estou triste”:

Minha tristeza é mais pura
não se esconde no vinho não se esconde.
Precisa
de grandes gritos ao ar livre. De
partir à pedrada o copo
onde a vossa tristeza apodrece.
Precisa de correr. Apertar muitas mãos
encher as ruas de muita gente.

(4) É o «exílio de dentro» como o denominará mais tarde Manuel Alegre, que não o chegou inteiramente a viver, referindo-se a poetas como Sophia de Mello Breyner Andresen, Daniel Filipe ou Miguel Torga que permaneceram em Portugal apesar do sentimento de desadaptação e mal-estar em relação à situação e ao ambiente do próprio país (Alegre 1997: 18).

Precisa de batalhas
precisa de cantar. (*Idem*: 122-123)

A expressão do hiato entre estas duas ‘tristezas’, semanticamente tão distintas, evidencia a radical distância de atitudes entre o sujeito poético e os seus compatriotas (passiva nestes, ativa naquele).

Perda

Referimos anteriormente que o primeiro corte com a sua terra faz nascer no poeta a noção de perda e é esta, na opinião de Paul Ricoeur, que incute no indivíduo a percepção da distância temporal entre passado e presente (Ricoeur 2004: 68); pelo que a perda, podemos acrescentar, reconduz ou estabiliza o sujeito poético no tempo presente.

Na escrita de *O Canto e as Armas* (1967) o exílio enriquece-se com a experiência efetiva do sujeito poético. Na vivência do afastamento geográfico e físico do próprio país, emerge a nostalgia, essa dor que somente se aplaca nas imagens presentificadas pela memória. Perante a distância espacial o inelutável compasso do tempo surge na sua transparente crueldade, interrompido somente nos momentos do recordar, nas imagens da perene saudade. No ato de evocar ausenta-se o sujeito poético do lugar onde está e escorre a sua imaginação – em “Exílio” «E os olhos iam com as águas» (Alegre 1995: 190) – até ao tempo da infância, de onde brotam a casa de Águeda e os seus habitantes, tempo e espaço que mais tarde Manuel Alegre ficcionará em *Alma* (1995). É o canto das origens, da formação da própria identidade, dos afetos e da pertença (em sentido lato: da pátria), vinculado à terra que deixou, assim expresso em “Raiz”: «Canto a raiz do espaço na raiz / do tempo» (*Idem*: 148). É o canto desta vez da voz individual (indicado pelo itálico no texto) pois, se o destino de exilado é partilhado com os seus compatriotas – em “Exílio” «Éramos vinte ou trinta na margem do Sena» (*Idem*: 190) –, já ao olhar para além do espaço que tem diante de si (Paris) e lembrando o ‘tempo inocente’ da infância, a vida do exilado suspende-se e o sujeito poético destaca-se dos seus companheiros de infortúnio, por isso escreve em “Portugal em Paris”: «Solitário por entre a gente caminhei contigo / os olhos longe como o trigo e o mar» (*Ibidem*).

De novo, este momento de saudade é apenas uma interrupção temporária, Manuel Alegre não cede ao canto das sereias e regressa

à atualidade – em “Areia por entre os Dedos”, «A minha hora é esta hora / o meu instante é este instante» (*Idem*: 205). E no poema, “Pátria Expatriada”, o poeta recupera com pujança a palavra e o ritmo do ‘poemarma’, regressa à emergência do tempo presente coletivo, à causa do cantar poético. Ou, como o poeta magistralmente resume em “Canção de circunstância”: «Canto conforme a circunstância / circunstância não minha mas dos homens todos» (*Idem*: 115).

Em *Um barco para Ítaca* a condição de viver no presente é firmemente reivindicada pela personagem Ulisses – com quem por vezes o poeta se identifica – diante da oferta de eternidade da deusa Calipso: «Se dos deuses é todo o Tempo / de nós é só o instante. E só de nós é a saudade. / Mais do que os deuses amamos o sempre / pois só de nós é o nunca mais» (*Idem*: 256).

Do contínuo fluir do tempo o homem apreende a força e a razão de viver e lutar, porque só inscrito no presente assimila o real. Em Manuel Alegre, a atitude de fincar pé no momento, renegando atitudes nostálgicas ou futuros enevoados, surge ligada à consciência da transitoriedade da vida humana, condição humana que, na entrevista ao jornalista João Céu e Silva, o poeta revela ter compreendido cedo, ainda na infância (Silva 2010: 16). O viver no tempo que continuamente passa, o saber-se excluído da eternidade, do sempre, de fragilidade transforma-se em valor e guia essenciais do sujeito poético, na medida em que é um convite a desfrutar intensamente cada instante. Não é, contudo, o leve e inconsequente *carpe diem*, e sim, como afirma a personagem Telémaco em *Um barco para Ítaca*: «Este é tempo de partir / este é tempo de voltar» (Alegre 1995: 280). Escrito de uma forma mais prosaica: é tempo de agir e intervir. Ou, voltando às palavras do poeta:

Corre o tempo e não se cansa
em cada tempo outro tempo
todo o tempo é de mudança.
Mesmo em tempo contratempo
quem porfia sempre alcança.

Vai-se um tempo chega um tempo
todo o tempo é de mudança.
“Guitarras do meu país” (*Idem*: 236)

Chega um tempo de agir no sentido do Tempo
tempo de se ganhar o tempo já perdido
tempo de se vencer o tempo-contratempo
para que o Tempo torne a ter sentido.
Chega um tempo de empunhar as armas do
Tempo.

“Tempo de não tempo de sim” [(*Idem*: 221).

Mudança

Em geral, o desterro, afastamento geográfico do espaço familiar, conduz à consciência de uma exclusão espacial e, sobretudo, temporal. Este sentimento de destempo⁽⁵⁾, isto é, de não partilha, de ficar fora dos acontecimentos, de não sincronia com os seus conterrâneos, também, naturalmente, foi sentido por Manuel Alegre:

Nós, no exílio, estamos agarrados a um país que ainda não é. Depois regressa-se e há um desencontro, porque, de qualquer maneira, a vida continuou. O País que nós tínhamos deixado mudou e o País que nós tínhamos imaginado continua ainda a não ser. É extraordinariamente difícil regressar, e eu penso que um exilado ficará, de certo modo, sempre um pouco... exilado. (*apud* Vilhena 2005: 63)

O sentimento de destempo move-se entre o tempo dos que ficaram, do qual o exilado é excluído, e o tempo cristalizado da memória e da nostalgia. Paradigma do sentimento de destempo – como de todos os sentimentos associados ao exílio – é o Ulisses homérico que viaja sempre na esperança do retorno e que quando regressa não é reconhecido por ninguém, encontrando tudo e todos mudados e sendo ele próprio outro diferente do que partiu vinte anos antes – na poesia “Regresso a Ítaca”, «O teu próprio retrato te parece um outro» (*Idem*: 555). Todavia, em *Um barco para Ítaca*, Ulisses não é o homem que regressa, mas metaforiza-se poeticamente, como apontado por Clara Rocha, no «representante de um povo sedento de liberdade e de justiça» (Rocha 1980: 53) e, portanto, está para além da mudança:

Velho: Quero dizer que em cada homem há um rei
que nunca foi. Um rei que ainda não é.

(5) O vocábulo ‘destempo’ é usado por Jorge Luís Borges (1899 – 1986) e Adolfo Bioy Casares (1914 – 1999) para o título da revista que criam em 1936 (saem três números e, em 1937, encerra) com o significado de ‘fora do tempo’. Com esta escolha os dois diretores afastam-se de qualquer corrente literária, e, em particular, negam qualquer pertença a grupos coetâneos. Em 1972, Józef Wittlin discorrendo sobre a experiência do exílio contrapõe ao vocábulo espanhol ‘destierro’ (‘desterro’), sinónimo de exílio com ênfase na pena espacial e no desenraizamento de uma geografia afetiva, a conceção de ‘destiempo’ (‘destempo’) enquanto privação do tempo, «di quel tempo che continua a scorrere nel suo paese» (Wittlin 1972: 38).

Ulisses está em ti e está em mim
Ulisses te chamarás Ulisses me chamarei.
Todos nós poderemos ser Ulisses. (Alegre 1995: 288)

No livro *Letras* o grafema R não acena a ‘regresso’ ou ‘regressar’, mas remete para ‘resistente’ e ‘resiste’. Trata-se de uma poética em que a liberdade individual está imbuída no empenho político, no compromisso com a *polis*, como a recordação do ‘tempo inocente’ individual é influenciada pelo coetâneo tempo coletivo. A experiência do exílio circunstancial induz à nostalgia e a uma inclinação para os lugares e tempos de outrora; no entanto, como vimos, em Manuel Alegre o exílio ensina, sobretudo, a perda e simultaneamente a transitoriedade da condição humana; ensinamentos que levam o indivíduo a procurar harmonizar-se com o tempo, isto é, com a mudança, como podemos reconhecer na poesia “Areia por entre os dedos”:

Mas hoje eu quero ser o teu contemporâneo
quero acertar na História o calendário
quero escrever na página das mãos
a data exacta em que saúdo
o teu puro passar.
Hoje eu quero ser o teu guerreiro
quero bater com teus martelos nas colunas
dos templos onde os deuses já morreram
para acertar no meu país o teu relógio. (*Idem*: 206)

O sujeito poético acredita na inevitabilidade da mudança e na impossibilidade do regresso; a consciência da irreversibilidade ou irremediabilidade fá-lo colocar-se – e convidar os seus conterrâneos a segui-lo – em sintonia com o seu tempo «para acertar no meu país o teu relógio», «Porque um só tempo é o nosso. E o tempo é hoje» (*Idem*: 222). No processo, a pátria deixa de ser o espaço do regresso, perde os limites definidos e reconhecíveis do lugar onde se viveu o ‘tempo inocente’ e expande-se, transfigura-se na morada que se procura, em “Pátria expatriada”: «E o mal é este: / procuras pelo mundo o Portugal / Que em Portugal perdeste». E a terminar: «Não te percas buscando o que perdeste: / procura Portugal em Portugal» (*Idem*: 193).

Polis

Nestes versos de Manuel Alegre emerge a dupla condição do exilado político – exílios circunstancial e essencial –, no sentido em que é a consciência e o empenho pelas questões da *polis* a estar na origem desta dúplice condição. Isto porque, na verdade, também duas são as pátrias – a geograficamente localizada e aquela em que se espera viver um dia:

Ulisses: (...) Deixai-me coroadado
Ulisses já sem coroa
nem resposta
quando pergunta (quando pergunto)
por sua (minha) cidade Lisboa. (*Idem*: 250)

Ítaca/Lisboa é a pátria empobrecida e sem lei (ou com demasiadas), amortalhada no medo e no silêncio, mas também é a pátria/morada, aquela a que aspira o poeta/Ulisses/representante do povo português. O afastamento físico da primeira é consequência de uma determinada e precisa situação histórica, enquanto o estar distante da segunda suscita um estado de profunda incompletude, que nasce da convicção de que o homem se encontraria em harmonia, consigo e com a própria condição, num mundo diferente, livre e justo. O sentimento de destempo refere-se agora à pátria – «acertar no meu país o teu relógio» – e é motor do combate político.

Este exílio metafórico de forte valência política corresponde ao que denominámos no começo do artigo por ‘exílio essencial’, a partir das tipologias sugeridas por Claudio Guillén. O ensaísta espanhol liga este exílio à expulsão do paraíso da tradição judaico-cristã, à primeira perda do homem que define a condição humana⁽⁶⁾. Perda não irremediável para o cristianismo que promete ao homem a redenção, a salvação na vida além da morte. Numa mundividência laica, mas de influência cristã (vide Silva 2010: 86-87) – que é a de Manuel Alegre – o exílio essencial é exclusão de uma pátria anterior ao país geográfico e onde prevalecem os valores da liberdade. Assim, ao país ‘ausente’, ‘perdido’, ao país sem

(6) Claudio Guillén recupera esta tipologia de Leszek Kolakowski, “En elogio del exilio”.

rumo vítima da vertigem nacional da dispersão ou peregrinação referido em “É preciso um país”:

Não mais navios a partir
para o país da ausência.
É preciso voltar ao ponto de partida
é preciso ficar e descobrir
a pátria onde foi traída
não só a independência
mas a vida. (*Idem*: 168)

Que também é o ‘País de Abril’ triste, ensombrado, vazio:

E as mãos dos homens ficavam
cada vez mais cheias
de nada.
E a minha pátria ficava
cada vez mais cheia
de sombras. (Alegre 1995: 176)

Contrapõe-se um país que, se bem de um modo inconsciente, já foi experienciado pelo sujeito poético, como se apreende lendo a poesia “Romance do tempo inocente”, onde se podem encontrar os topos do Jardim do Éden: o viver livre, sereno e em sintonia com as estações, o alimentar-se dos frutos colhidos diretamente da árvore, a nudez, a árvore no centro (do largo) «onde o mundo começava», a eternidade ou «a idade de não ter idade», o não conhecimento do bem e do mal ou das desigualdades no mundo⁽⁷⁾, que referimos anteriormente. A nostalgia da infância na vila de Águeda, expressão de uma vivência individual, inverte-se na expectativa da futura morada / Pátria / Portugal livre: «Canto a raiz do tempo na raiz do espaço» e, logo a seguir, sempre em “Areia por entre os dedos”, «Tenho um relógio em cada gesto / em todos os meus poros bate a meia-noite» (*Idem*: 205).

Presença e ausência, memória e porvir encontram-se no poema, nesse mundo outro que é o universo poético. Os versos de Manuel Alegre acolhem o país, que ainda não é, assim como presentificam as imagens

(7) Cfr. Alegre (1995), “Romance do tempo inocente”, 69-71.

do irreversível ‘tempo inocente’. Nesse sentido, Eduardo Lourenço observa: «Partindo, o poeta levava consigo não apenas a memória dos lugares amados, o perfume das rosas vermelhas de futuros abris, mas a outra pátria feita de todos os poemas» (Lourenço 2016: 590).

Poesia

A Revolução de Abril põe termo ao exílio circunstancial abrindo as fronteiras aos perseguidos políticos, e, parcialmente⁽⁸⁾, também ao exílio essencial iniciando o processo de democratização no país, no qual o empenho político de Manuel Alegre será direto e ativo. Contudo, o poeta, como vimos, está ciente que do exílio real, objetivo, geográfico não se regressa inteiramente, compreende que a condição de ‘estrangeiro’⁽⁹⁾ não mais o abandonará, e, por isso, mais tarde⁽¹⁰⁾ em *Atlântico* (1981) recupera, aprofundando, o sentimento deste derradeiro exílio, em “O segundo soneto do Português Errante”: «Sabe a estrangeiro o tempo de ter sido / e difícil é o verbo regressar. / Eu sou quem de si mesmo foi partido» (Alegre 1995: 382).

O sentimento de destempo e de não pertença a um lugar, a consciência da irreversibilidade do tempo e a pulsão para a liberdade induzem Manuel Alegre a assimilar-se à figura do Português Errante, abandonando a do Lusíada exilado.

Gianfranco Rubino distingue a errância do viajar pela ênfase daquela no movimento sem fim definido, seja espacial ou temporal, pela ausência de um percurso antecipadamente traçado e de um retorno ao ponto de partida e, por fim, pela impossibilidade de reintegração total do errante na sua comunidade de origem, para a qual permanecerá um forasteiro (Rubino

(8) A construção do país desejado é um *work in progress*, como podemos constatar pelas intervenções de Manuel Alegre na vida política portuguesa nestas quatro décadas e meia de democracia em Portugal.

(9) A noção de ‘estrangeiro’ pode ter um valor positivo se pensarmos nos ‘estrangeiros’ ou ‘estrangeirados’, como no século XVIII eram denominados, que traziam para o país, procurando introduzi-las, as novidades culturais ou científicas com que tinham tomado contato no exterior. A riqueza cultural e económica facultada pelos exilados e os estrangeirados é o tema do livro de Peter Burke (2017). *Exiles and expatriates in the history of Knowledge*. Hanover, N.H. / London: Brandeis University Press.

(10) Apesar de *Atlântico* já não pertencer às obras do exílio, considerámos importante rematar esta análise adiantando aquele que vai ser um leitmotiv na criação poética e narrativa posterior, embora deixando para outra ocasião o estudo da errância enquanto exílio.

1991: 7-23). O errar⁽¹¹⁾ caracteriza o exílio existencial em Manuel Alegre. E Ítaca, nesta matriosca de exílios, sofre uma transfiguração posterior, passando a representar uma morada íntima e indefinida, a meta de um deambular existencial ou espiritual suscitado pelo sentimento de inadequação do indivíduo a uma identidade fixa. O errar, de acordo com o estudioso italiano, «problematizza e sposta de continuo i rapporti con la totalità, con il centro, con l'identità, con ogni pratica de-finitoria» (Rubino 1991: 22). Ou seja, o errante realiza um constante labor de questionamento da própria identidade e da relação desta com a coletividade, recusando continuamente o determinado, o imutável, enfim todo e qualquer tipo de limite.

Em particular, no âmbito criativo, o errar revela uma incessante demanda poética fruto da familiaridade dos poetas, e da arte em geral, com a lonjura, pois, como afirma Antonio Prete em *Trattato della lontananza*, «pensare la lontananza è dare una configurazione e un ritmo all'invisibile, una lingua all'irraggiungibile. Accogliere l'estremo» (Prete 2018: 9). A liberdade é, portanto, a linfa de uma demanda poética originada pelo exílio, pois, escreve Leszek Kolakowski, «La creación es hija de la inseguridad, de aquella clase de exilio, de la experiencia del hogar perdido» (Kolakowski 2018: 47).

Errando poeticamente pelo passado nacional, questionando os seus mitos e representações oficiais, Manuel Alegre procura, através de um mundo outro, da música e da palavra poética, inscrever a Pátria no tempo, subtraí-la aos mitos enevoados do Estado Novo e à apática 'tristeza' do presente. E vai ser na sua poesia que Portugal, já não disperso no tempo e no espaço, se presentifica real, livre, vital na língua e no ritmo, como escreve em "Poemarma": «E que o poema diga: o longe é aqui» (Alegre 1995: 239). A pátria por que anseia o poeta está «nas palavras», está no canto que a representa e que é arma.

Liberdade

Da vida como errância está ciente Manuel Alegre quando afirma: «(...) acho que a *Odisseia* de Homero é a grande metáfora da nossa vida.

(11) Paulo José dos Santos Borges na sua tese sobre *O livro do Português errante* (2001) identifica três tipos de errância nesta obra de Manuel Alegre: a física, a interior e a na escrita. Neste ensaio consideramos a última como consequência da errância interior (Vide Borges 2006).

A errância de Ulisses é a nossa procura, a insatisfação, o inconformismo» (Silva 2010: 95). «Ser contra», o «inconformismo» e a insubmissão são impulso de vida. E, por isso, no último, o oitavo, do conjunto de sonetos do Português Errante se reitera:

Viúvo sempre de qualquer idílio
eu sou o peregrino o desditoso
que a si mesmo se busca e não se encontra.

O meu próprio país é meu exílio
por isso o meu combate é sem repouso.
Eu sou o que nasceu para ser contra. (*Idem*: 401)

Errar é, portanto, um ato de liberdade contra toda e qualquer definição.

Em conclusão, nesta poética fortemente marcada pela biografia do autor entrelaçam-se constantemente os temas do exílio e da liberdade. A determinação do sujeito poético em não se deixar enclausurar física, espiritual e intelectualmente afirmada em “Correio” – «E nada sei da poesia de laboratório: / faço o que escrevo. Escrevo o que faço.» (*Idem*: 213) – está na origem dos seus múltiplos exílios. Deste modo, o perigo de ser preso condu-lo ao desterro, despontando a nostalgia da própria terra, a esperança num país livre está na origem do empenho político para reaver a morada do exílio essencial, e, por fim, o errar resulta do desassossego existencial. O sentido da liberdade inscreve o indivíduo no tempo que passa, incitando-o a abrir-se ao mundo e a apropriar-se do espaço circundante, e, sobretudo, constitui o elemento dinamizador de uma ética criativa e de vida, individual e coletiva, como afirmado em “No meu país há uma palavra proibida”: «E é inútil prenderem-na que é luz e ave / no meu país em cada homem essa palavra» (Alegre 1995: 231).

Bibliografia

- Alegre, Manuel (1997). *Errância e enraizamento*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- « – » (1995). *30 Anos de Poesia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Guillén, Claudio (2005). *O Sol dos Desterrados. Literatura e Exílio*. Lisboa: Teorema.

- Janjélévitch, Vladimir (2018). "La nostalgia", in Antonio Prete (ed.), *Nostalgia. Storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 113-163.
- Kant, Immanuel (2018). "L'irreversibile", in Antonio Prete (ed.), *Nostalgia. Storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 54.
- Kolakowski, Leszek (febrero 1986). "En elogio del exilio", *Vuelta*, 46-48. 47 (Também publicado em inglês com o título "In Praise of Exile", in *Modernity on Endless Trial*. Chicado/London: The University of Chicago Press, 55-59).
- Lourenço, Eduardo (2016). "Poesia e mito em Manuel Alegre", in Eduardo Lourenço, *Obras Completas III. Tempo e Poesia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 587-595.
- « - » (1995). "Prefácio – Manuel Alegre ou a Nostalgia da Epopeia", in *Manuel Alegre, 30 Anos de Poesia*. Lisboa: Dom Quixote, I-XVI.
- Lugarinho, Mário César (2005). *Manuel Alegre. Mito, memória e utopia*. Lisboa: Edições Colibri.
- Mourão, Paula (2009). "Um rouxinol na Praça da Canção (1965-2005)", in Manuel Alegre, *Poesia (1992-2008)*, vol. II. Lisboa: Edições D. Quixote, 877-891.
- Prete, Antonio (2018). "Introduzione", in Antonio Prete (ed.), *Nostalgia. Storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1-31.
- « - » (2018). "Nostalgia e poesia", in Antonio Prete (ed.), *Nostalgia. Storia di un sentimento*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 165-195.
- « - » (2009), *Trattato della lontananza*. Torino: Bollati Boringheri Editore.
- Ricoeur, Paul (2004). *Ricordare, dimenticare, perdonare. L'enigma del passato*. Bologna: Il Mulino.
- Rocha, Clara (dez. de 1980). "O arquitecto em Manuel Alegre", *Cadernos de Literatura*, 7, 50-61.
- Rubino, Gianfranco (1991). "Introduzione", in Gianfranco Rubino (ed.), *Figure dell'erranza. Immaginario del percorso nel romanzo francese contemporaneo*. Roma: Bulzoni Editore, 7-23.
- Silva, João Céu e (2010). *Uma longa viagem com Manuel Alegre*. Lisboa: Porto Editora.
- Simões, Manuel (2011). "A errância na literatura portuguesa do século XX", in Manuel Simões, *Tempo com espectador. Ensaios de literatura portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- Vilhena, Ana Maria (2005). *Manuel Alegre e a interminável busca do azul*. Lisboa: Dom Quixote.
- Wittlin, Józef (maggio 1972). "Splendore e miseria dell'esilio", *Settanta*, anno III, 24, 35-4.